

CORPO DE MENINAS NEGRAS DENTRO DAS ESCOLAS: IMPACTO DO RACISMO NO PROCESSO DE CONSTITUIÇÃO PSÍQUICA

PAMELA OLIVEIRA DA ROSA¹; CAMILA PEIXOTO FARIAS²

¹ Universidade Federal de Pelotas – pamela_oliveira91@outlook.com

² Universidade Federal de Pelotas – pfcamila@hotmail.com

1. INTRODUÇÃO

Esta escrita surge a partir de um trabalho de conclusão de curso produzido no curso de Psicologia da Universidade Federal de Pelotas e vinculado ao Núcleo de estudos e pesquisa em psicanálise - Pulsional. Pensando no impacto que o racismo pode proporcionar no corpo de uma pessoa negra e suas repercussões subjetivas. O trabalho que procuro desenvolver no processo de finalização do curso parte dos atravessamentos e da tentativa de resgate de minhas memórias e vivências da infância enquanto uma menina negra. Trazer a escola para o foco da pesquisa se traduz na necessidade de evidenciar as violências sofridas pelas pessoas negras – em específico meninas negras – dentro dos ambientes educacionais.

Sendo assim, este trabalho tem como objetivo investigar possíveis desdobramentos que a presença do corpo de meninas negras dentro do ambiente educacional provoca e como as ações racistas de pessoas brancas influenciam no processo de construção de identidade. O nosso produzir pensando nas articulações teóricas deste trabalho, vai ser amparado pela teoria psicanalítica em conjunto com alguns aspectos culturais e sociais que alicerçam nossa sociedade. A relação adulto-criança se torna um aspecto central e com isso, as ações das pessoas brancas para com as crianças negras produzem reverberações na forma que aquela menina negra vai ser impactada pela possível violência presente nessa relação.

As vivências de meninas negras são trazidas para cena a partir de ficções narrativas criadas para dar sentido ao texto, é então que a construção de uma personagem surge, as cenas buscam tornar a escrita mais próxima de quem lê. A intenção aqui não é generalizar as vivências das meninas negras, é importante enfatizar a não universalização das experiências das meninas negras.

2. METODOLOGIA

O percurso metodológico desta pesquisa teórica é baseada no método psicanalítico. Este método se produz a partir da subjetividade do sujeito que está pesquisando, de forma que a implicação de quem pesquisa se realça frente ao objeto pesquisado.(Dockhorn, Macedo, 2015).

Esse modelo metodológico visa a implicação interpretativa e possibilita transformações a partir das convocações que foram surgindo no decorrer da construção do trabalho (Figueiredo, Minerbo, 2006).

A intenção do uso das ficções surge da necessidade de materializar as vivências de quem escreve e da personagem criada, assim como também para dar sentido às meninas negras que se aproximam das experiências narradas, ou seja, serve para assumir a materialidade da palavra para que transmita os afetos e anseios das experiências apresentadas (Costa, 2014).

3. RESULTADOS E DISCUSSÃO

Cena 1

Inácia é uma menina negra de 6 anos que vive em uma casa humilde com seus pais, residente de um bairro periférico desde antes do seu nascimento. Inácia é uma menina cheia de vida, ela sempre gostou de brincar na rua e subir nas árvores que tinham em volta da sua casa. A escola transformou a vida da pequena menina, pois foi dentro deste lugar que muitas das suas raízes foram plantadas, de forma a moldarem sua maneira de ser no mundo. Inácia sempre foi uma menina muito carismática, gentil, e alegre, na escola isso sempre foi confirmado pelas pessoas que tinham contato com a mesma, ela brincava com suas amiguinhas o tempo todo e sorria para todos. Lá ela aprendeu o quanto era importante ter alguém para confiar e ter ao lado, isso ela teve noção já maior. Os momentos de inácia dentro da escola eram cheios de desafios, isso posto pelo olhar de quem escreve, pois sua inocência de criança jamais a faria entender o real significado de todas as dificuldades e violências que perpassam pelo seu corpo negro.

Producir um pensar sobre o ambiente educacional em conjunto com as relações raciais é refletir que este é o lugar onde a maioria das pessoas negras são ensinadas que ser como elas são é errado ou que elas não deveriam estar ocupando aquele lugar. Tem-se sobre as mulheres negras, imagens que buscam estereotipar e aprisioná-las em um único sentido de suas vivências, o de sempre serem entendidas como alguém subalternizada e esses estereótipos dirigidos às mulheres negras são naturalizados até hoje. A leitura social sobre as mulheres negras, diz respeito a um passado não tão distante alicerçado na imposição de funções, um passado baseado em servidão e subalternização (Gonzalez, 2020).

Cena 2

Minha mãe sempre que podia me ajudava nas tarefas da escola, ela montava uma linda e gostosa mesa cheia de guloseimas para que eu pudesse fazer as atividades apreciando um belo pão recheado que ela fazia. Eu apesar de não entender muito como fazer o que era solicitado, sempre tentava prestar atenção e fazer sozinha. Teve um dia que a tarefa estava muito difícil e eu pedi ajuda dela. Eu consegui enxergar uma tristeza no olhar dela ao não conseguir me ajudar no que eu não estava entendendo, ela se esforçou, mas não deu. Ela saiu do lugar onde eu estava cabisbaixa e fui atrás dela, foi quando ela me contou que ela nunca conseguiu estudar direito, logo cedo a sua chance de estudo foi cortada por ter que ajudar sua mãe nos deveres. Ela me contou que minha vó nem na escola pôde entrar, antes era proibido a sua presença enquanto pessoa negra dentro de escolas. É visível a dor que ela sentia, tanto por ela quanto pela sua mãe.

Essa cena nos remete a importância da presença de meninas negras – o corpo negro – dentro das escolas, isso remete a uma importante conquista que antes nos era negada. O direito de estar dentro dos espaços entendidos como

somente para as pessoas brancas foi conquistado por aqueles que vieram antes de nós, que puderam adquirir mais espaços dentro da sociedade, a partir dos conhecimentos obtidos. É essencial reencontrar o fio condutor que apresenta a nossa sociedade a contestação perante a história que ainda hoje é contada. A realidade sobre a população negra precisa ser visibilizada, a história precisa deixar de ter apenas a versão contada por pessoas brancas.

O ambiente escolar é onde as crianças negras vão estar no lugar do diferente, e esse espaço é moldado por brincadeiras, falas e ações racistas (Silva, 2022). E neste momento, ocorre a internalização do sentimento e da sensação de que você é diferente daquilo que colocam como o ideal. Segundo Grada Kilomba (2019): “uma pessoa apenas se torna diferente no momento em que dizem para ela que ela difere daquelas/es que têm o poder de se definir como “normal”. “Ou seja, não se é diferente, torna-se diferente por meio de um processo de discriminação (p.121)”. É nesse contexto de violências que as meninas negras se constituem subjetivamente.

A constituição psíquica para Laplanche (2014) é estabelecida a partir do contato entre o bebê e o adulto, em decorrência dessa dependência inicial, o bebê aos poucos vai sendo apresentado para o universo simbólico de maneira que o adulto é o responsável por apresentar esse lugar para ele, ou seja, o adulto se torna responsável pela iniciação da constituição psíquica da criança e acaba servindo como base da sua estruturação psíquica. Laplanche vai nos apresentar a ideia de que essa relação adulto-bebê, vai ser dada através de mensagens enigmáticas que são capazes de inserir o sujeito nos ambientes sociais e no universo simbólico, que parte do cuidado do adulto, que se torna responsável por transmitir essas mensagens e o bebê por traduzi-las (Laplanche, 2014).

Cena 3

Minha mãe diz que minha criação foi tanto dentro de casa quanto na escola, eu passava um bom tempo dentro daquele espaço. Ela me contou que eu fui pela primeira vez para a escola muito pequena, isso contando o tempo da creche, pelo fato de ela e o meu pai não terem condições para ficarem comigo durante uma parte do dia, já que eles trabalhavam em tempo integral. Então eu considerava lá, como a minha segunda casa, tinham as tias com quem eu ficava junto, e elas brincavam e me ensinavam as coisas.

O espaço educacional nos possibilita pensar sobre a existência de uma ambivalência que ocorre dentro deste ambiente escolar, pois ao mesmo tempo em que ele produz e atravessa o corpo negro a partir da violência, ele também

possibilita outras traduções, como um caminho de ascensão, empoderamento, consciência sobre as questões do racismo e acolhimento. Isso nos faz pensar na duplicitade dos efeitos subjetivos que a escola oferece. A escola tem um papel crucial na transmissão de mensagens que podem tanto violentar como também ressignificar as vivências para o corpo negro. Portanto, estes adultos que estão presentes dentro do ambiente escolar são adultos significativos para as crianças: suas ações, a forma de cuidado, a relação estabelecida impactam diretamente a constituição psíquica.

4. CONCLUSÕES

A intencionalidade da pesquisa deste trabalho é voltada não só à infância de meninas negras, mas também para o efeito do racismo em sua constituição psíquica. A escolha por pesquisar essa temática parte de um lugar de anseio, insegurança, e a partir da urgência de falar o que por muitos anos não é escutado, minha escrita parte do lugar de uma mulher negra, periférica que estudou por muitos anos de sua vida em uma escola pública e que atualmente comprehende o tamanho e os impactos subjetivos das violências sofridas naquela época.

5. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

COSTA, Luis Artur . O corpo das nuvens: uso da ficção na Psicologia Social. Fractal: **Revista de Psicologia**, v. 26, n. spe, p. 551–576, 2014.

DOCKHORN, Carolina; MACEDO, Mônica. Estratégia Clínico-Interpretativa:: um recurso à pesquisa psicanalítica. **Psicologia: Teoria e Pesquisa**, [S. I.], v. 31, n. 4, p. 529–535, 2016.

FIGUEIREDO, Luís Claudio; MINERBO, Marion. Pesquisa em psicanálise: algumas idéias e um exemplo. **J. psicanal.**, São Paulo , v. 39, n. 70, p. 257-278, jun. 2006.

GONZALEZ, Lélia. 2020. **Por um Feminismo Afro-Latino-Americano: Ensaios, Intervenções e Diálogos** Rio Janeiro: Zahar. 375 pp.

KILOMBA, Grada. **Memórias da plantação - Episódios de racismo cotidiano;** Tradução Jess Oliveira. - 1°. ed. - Rio de Janeiro : Cobogó, 2019.

LAPLANCHE, Jean. **Sexual:** a sexualidade ampliada no sentido freudiano 2000-2006. Porto Alegre: Dublinense, 2014.